



Roge Weslen

ARDÊNCIAS

Primeiras Paixões & Desvarios

Roge Weslen

Ardências

Primeiras paixões & Desvarios

2017

Livro: AP0018

Roge Weslen - Ardências - Primeiras paixões e
Desvarios - 1 Ed. 2018

Appaloosa Online Indie Publishing
Ed. 1. 2018

Background Cover: Public Domain Photo by
Kinga Cichewicz from unsplash.com (2018)

Produção, Edição e Distribuição:
Felippe Regazio / Appaloosa Books

Prefácio

Um texto de Bruno Sanctus

Quem abonará seu sono quando os neons da puberdade baterem-lhe à porta? Quem beijará seus lábios quando não conseguir vomitar todos aqueles impropérios que empurrou para o canto da boca com a ponta da língua? A poesia de Roge é sobre ruminar em autodescoberta, mas não é autofágica. É sobre a projeção quebrada, o futuro esvanecido; aquele canto da cama de solteiro que ainda não esfriou — e mesmo assim, de alguma forma, não soa pueril. É sobre as ruas de Belém; o açaí gelado que adormece os lábios; o Sol escaldante dos lugares aos quais o inverno não ousa botar os pés; a música brega de fundo; um filho perdido no carnaval; o rebite e o suor do caminhoneiro que peregrina por tudo aquilo que tem cheiro de saudade. É cru porque síndrome de Pollyana é doença fora de estação. É lírico sem soar pedante ou validar-se de palavras obsoletas. O submundo dos sentimentos forja homens antes do tempo, na lama, na vontade, na angústia. Homens antes do rito de passagem com todas as suas necessidades débeis, com todas as suas paixões. Roge deve ter vivido outras vidas antes, questione a idade do autor.

Então um livro

O Autor

Porque acredito que toda poesia - até mesmo a dita séria - é um estúpido desvario. Porque todo dia um desesperado qualquer considera o suicídio de suas entranhas. Porque amei. Porque acredito que um livro serve para tudo, inclusive, nada. Porque gastei certo tempo que poderia ser depositado em melhores coisas. Em evitar os desgastes de minhas relações, por exemplo, e não apenas me render a idiotice bukowskiana de que "relações humanas simplesmente não são duráveis". Em ser melhor amigo. Melhor filho. E algo que me parece pavoroso de certa forma, ser melhor pessoa. Mas não entrarei aqui em ruminações. Um livro. Porque estou definitivamente calado e sozinho, e o silêncio precisa se movimentar constantemente. Porque estou vazio e infeliz. Porque deixei de acreditar nas coisas belas. Porque acabaram os cigarros e não tenho dinheiro. Porque acabou a cachaça. E ainda não tenho dinheiro. Porque de certa forma me sinto petrificado, mas não morto. Porque sou covarde. Porque, enfim, não tenho outra coisa pra fazer.



I.

*tudo começa num dia seco
para o poeta Max Martins*

o silêncio seria terrível a
essa altura do domingo
não fosse
o sagrado tecnobrega
tocando na casa ao lado
a uma hora dessa
eu estaria bêbado demais
para ficar triste
como fiz ontem
como tem sido por
muito tempo
desde de que eu
decidir rasgar a vida ao meio
& me render ao encanto
místico das praias desertas
por isso penso em Marahú, na Ilha
de Mosqueiro & no livro
daquele poeta morto
que antes da morte ainda
tinha olhos serenos & cabelos brancos
mas depois tudo acaba
pra sempre em solidão
como me ensinou a garota
negra que um dia qualquer
deixou de me olhar nos olhos
por isso, talvez, eu esteja
escrevendo este poema agora

coisa
que tenho evitado ao máximo fazer

desde que senti na pele
a fome dos jovens renegados
que dormem nas calçadas do centro
tudo me parece tão despropositado
tão inútil,
sabe?
desde que cheirei o pó sujo
com
desconhecidos em
uma viela impossível
do Jurunas

cansei de alimentar decepções
para ter algo idiota
pra botar num
poema de amor
dito isso, talvez você
entenda o meu silêncio
a minha preferência pelo fogo
da visão turva
talvez não pareçam tão ridículas
e sem sentido todas
aquelas bitucas de cigarro barato

você já se sentiu
desesperado?
você acredita nos
políticos?
você teme algum Deus?

pois apesar do meu
indefensável pessimismo
quero apenas ir para

longe de tudo
num lugar
onde eu possa tranquilamente
me estabelecer
entre os animais sagrados &
o caos estratosférico do
teu coração.

II.

um delírio automático

Perdido nessa biblioteca Perdido em todos os lugares

Só que agora longe da epopeia das ruas e suas multidões de desesperados e seus imigrantes com pequenos potes com notas de dois reais e seus olhos de anjos tristes

Os estudantes e seus livros didáticos cheios de saberes robóticos

preenchem as praças públicas de todo o mundo nesse momento

Eu prefiro o silêncio dos viciados

O silêncio das prostitutas

O silêncio dos que nunca aprenderam o artifício da palavra

Eu prefiro o silêncio e a palidez concreta do pedregulho

ao invés de sua metafísica gasta

Eu prefiro a noite e seus meteoros-madrepérula

e o garoto andrógino que quantos sonhos desbravou nas madrugadas que nossas mães não viram

eu sinto meu estômago ruindo

minhas vísceras que os urubus aguardam enquanto no céu qualquer deus desconhecido cria fábulas e mundos tão ridículos quanto este

tenho vontade de gritar de dor mas sei que

não posso demonstrar fraqueza
— há olhos em todos os lugares — me disse
o professor da escola dominical naquela
manhã em que até os pássaros choravam
e ele destilava a sagrada lição
eu tinha dez ou onze anos
(naquele tempo
o que era Sagrado pra mim?)
ah – o que nos enfiam goela abaixo quando
não sabemos pensar! –
e aquela igreja aquela gente querendo
parecer correta os cultos de quarta e domingo
foram a minha aprendizagem definitiva da
solidão
depois veio Chet Baker e os poetas
expressionistas alemães
com suas tramas escatológicas seus suicidas
seus vícios destrutivos
sua linguagem da desolação
que nenhuma professora de gramática me
ensinou
escondo-me aqui
entre os manuais de ética e os imensos
volumes das tragédias gregas
da violência das manhãs chuvosas
daquele quarto azul anil que quantos choros
meu enterrou
quando eu ainda acreditava em beleza em
restauração
em idealismos & revoluções
quando eu ainda acreditava num amor que
não fosse sublime desespero
uma vez sonhei com um pajé chorando na
visão de uma floresta em chamas

e essa foi a primeira vez que tive medo
dos arranha-céus das grandes corporações
dos que fabricam nossos sonhos de consumo
e tento não pensar tanto assim
não pesar tanto o peito de ferrugem
da visagem do futuro
e por um instante sei que me basta: Trakl,
Baker & Dionísio.

III.

os olhos da noite me encaram
tristes projéteis
rasgam a voz dos que gritam
por Deus esperança idealismo
espero que amanhã e os
jovens sorriam e amem
pois desisto
as imagens nas paredes sucedem minha
morte
niilismos estapafúrdios espalhados por nossos
dias

é chegada a hora para despedidas e embates
com
a morte o amor a solidão cessarem
está na hora de desistirmos de
todos os nossos sonhos
está na hora dos delírios ketaminados
das confidências alucinógenas
o amor um dia de fato existiu
sobre nós?
e sobre mim
uma fé imensa recai
trêmulos dedos tocam o relógio
da sala

há pessoas
nas solidões mais cortantes
e sinto que tenho o silêncio do mundo
nas palavras que escrevo
por isso devo parar um dia

e ir embora para muito longe
como aquele poeta de uma
época distante

já está cheio o mundo de silêncios

e há uma necessidade
de choro nessa
alegria insossa
os escombros da vida
exigem novas
tinturas

aqueles segredos guardados
no coração dos solitários:

hã de ser enterrados

e as paredes me prometem
a voragem do medo
o tempo precisa ser depurado
neste momento de
infinita perpetuidade

precisamos aprender a demolir o silêncio.

IV.

hilstiana

jogam-se de alturas imensas
os poetas os desiludidos os amantes
e sem resultado ou força
retornam

(eu acho)

ao destino do vinho,
à morte, aos escombros
do amor / pilares quebrados
do mundo.

V.

para Roberto Piva

este é o século do xamanismo, da
onça pintada, da arara azul
dos animais selvagens
y aves de rapina
e de tudo aquilo que nos ensinaram
a ver com preconceito e medo
mas não com reverência
por isso, amor
na cama juntos destruímos os signos-sacros
a timidez adolescente o medo
a culpa de ser não pertence aos jovens
por isso, amor
gritamos e pichamos os muros
do subúrbio que nos fez
da baixada mais baixa que a própria vida
y troçamos dos imbecis
somos para sempre crianças peraltas

fiquemos perpétuos.

VI.

para D.

há muito tempo habitando o retirar das águas
a fala inanimada da matéria
um sorriso negro
delira em mim
e eu sinto saudades
de ti dos tambores das
nossas noites pagãs
penso então
na solidão do tempo
e sinto saudades

mas há coisas que só são
uma vez
e é inútil lamentar.

VII.

Ela está realmente alta agora. Eu não sei o que dizer. Também. O que falar ante a antropofagia dos seus olhos. Os lábios irretocáveis de fera. Eu nunca sei o que dizer, então me exercito na arte de escutar. Não a descreverei, prefiro não os deixar desejosos. Estou minúsculo agora, e me esforço apenas em prestar atenção nela e em não deixar que se apague o cigarro. E ela fala. Da unificação da América Latina. Do que acontece abaixo dos trópicos. Praias quentes. Amores ensolarados. Magia negra. Marx. Ilhas Maldivas. Do filho que nunca voltou do Camboja. Roberto Piva. Sonhos de demolir arranha-céus. LSD. Oceanografia na UFPA. Que Truffaut é melhor que Godard. Para onde vão os búfalos quando anoitece na Ilha do Marajó. E todo esse emaranhado de coisas que as pessoas bêbadas resolvem dizer, assim, sem mais nem menos. J. não se importa com a minha idade, e nem eu com a dela. É tudo uma questão de ritmo, da melodia dos gestos, o encaminhamento das mãos. E nessa de ouvir delírios. Foi-se metade dos cigarros que eu tinha. Nada demais. Pura constatação. Finalmente, ela cambaleia. O vestido some. Toda aquela coisa. Carne, suor, odores. Fluídos. E agora que está tudo terminado. Uma fera encarando outra na cama. Ela adormece. E dói de um jeito estranho saber. Que apesar de tudo. Acordaremos e diremos

adeus. Dois corpos estranhos. A noite é um mundo paralelo em que tudo acontece, sem realmente acontecer. E o quarto de hotel dará abrigo a outros que não nós. Ela sabe. Eu sei. J. nunca poderá ser minha.

VIII.

eu não sei o destino das folhas
o calabouço dos
inocentes
sei que me saboto
sofro de acidentes que eu mesmo
provoquei
sei que hilda hilst, não tendo
filhos, renegou a tragédia
e o que os girassóis falam quando
se abrem para o mundo

eu não ensinei a ti a linguagem cromática das
flores?

os cânhamos da fluorescência
o apetite da tua mão colada
na minha
nós subvertemos o Estado
quando chocamos nossos corpos de vidro
quebrados
os milhares pedaços de nossa noite acesa.

IX.

você e suas lâminas agudas
seus romances com poetas latinos
suas aulas de ioga na praça da república
seus lps daquele cantor que
tem voz de trovão quebrado
você e sua mania de estar
sempre em movimento
e eu imaginava lanças, balas
qualquer tipo de material bélico perfurando
seus amantes
filmes chineses em tardes áridas
contigo
algo tão louco e belo éramos
e por tão pouco tempo
estivemos juntos
que só escrevo isso aqui
pra manter a
lembrança
de você e suas histórias de amor
e solidão com as pessoas
mais insólitas e
loucas e homicidas

contigo aprendi que para
amar necessitamos
compreender
despedidas.

pois que toquem canções

nos lírios de tua boca
que se refaça a juventude
em ti, em nós.

X.

me diga o que sangra tua boca
o signo da derrota
por que o primeiro trago é
sempre mais profundo
por que rimbaud largou tudo
e foi simbora pr'África
destilar o amor / se deserdar
da poesia
me diga das aparições da noite
do rock fulero nas esquinas escondidas da
cidade velha
por que os jovens não acreditam
mais no amor dos incêndios
e não mais subvertem as instituições
nem vandalizam a vida de
rotina estabelecida dos nobres senhores
me diga o roteiro desesperado
do nosso país
com a voz lacrimosa dos que sentem
me diga as palavras de ruína que não estão
nos dicionários
e leremos juntos os poetas latinos
que morreram lutando
a loucura das revoluções
me diga esse silêncio
antes que amanheça.

XI.

convite

eu preciso falar da lama
eu preciso te levar ao paraíso
dos mangues
e te mostrar a toca dos caranguejos
você precisa conhecer a vida subterrânea
e o que não se diz nas salas
de aula do ensino médio
você precisa sentir o cheiro do crack no ver-o-
peso às duas da manhã
e ficar tensa e sonada
mas nunca com medo
eu preciso te apresentar os sagrados
traficantes de olhos dilatados
& a vida por trás das
cortinas te desesperará
você precisa tomar cachaça de jambu
na beira da cama & sentir a
boca tremer uma dormência de batuques
africanos
eu preciso te mostrar a doçura nos olhos das
feras
e a ferrugem do dia nas mãos dos mais pobres

você aceita embarcar comigo na
experimentação do absurdo?

XII.

para Leonard Cohen

Certas coisas são assim.

Um deserto vazio
até mesmo de angústia
nos cantos esquecidos da casa

aulas de etimologia
perdidas na memória
de uma juventude à margem

(oh, angst!)

Certas coisas são assim.

& você diria de mim talvez
algo entre o insulto e o delírio.

Algo como “você parece
um personagem de algum
dos filmes do truffaut”

“um verme, imprestável”

& eu riria.

pois há apenas o seu
silêncio essa madrugada

& você certamente
não viu nenhum dos filmes do truffaut.

& você certamente está
enlouquecendo agora, socando
as paredes do banheiro de sua casa
e proferindo insultos a qualquer
devaneio perdido.

eu penso em você, às
vezes.

Certas coisas são assim.
& tem um fim inconcluso, inócuo
e quase deixam de ser simples
coisas, para serem
dor.

& morte, oh, afago ao
espírito.

Certas coisas são assim.

Agora feche os olhos,
e te contarei
a mais longa história de todas.

XIII.

não quero falar sobre a morte.
não quero falar de amor.
não quero falar de como a cidade é bonita na
época de chuva.
não quero falar dos teus olhos sob a luz do
neón
nem dos movimentos insanos que geramos
naquele quarto.
não quero falar das paixões que não deram
certo
nem dos amores que não vingaram.
não quero falar da tristeza.
não quero falar sobre os malditos livros,
porra.
não me fale sobre Godard, Bergman ou
qualquer um desses. não hoje.
não me fale dos que enriquecem vendendo
livros de auto ajuda para idiotas
nem dos que lucram encima das palavras de
Cristo.
não me fale de você nem dos seus problemas.
eu já ouvi demais, por muito tempo, por anos.
ouvi tudo o que tinha que ouvir e não falei
quase nada.
não fale, é um favor que você me faz.
não fale sobre o quanto esse poema soa
amargo e egoísta e patético
nem me dê o endereço do seu psicólogo.
não grite que me ama, cale. as ruas nunca te
ouvirão. as ruas são surdas, impiedosas.
não me odeie, não se apaixone por mim, não

me ame.
mas se for fazer algumas dessas coisas,
tome cuidado.
não diga que quer beber comigo ou que eu
devo conhecer tal pessoa. me deixe em paz.
também não me diga que eu bebo demais ou
que eu deveria parar de me drogar
e que minha vida está trilhando por rumos
incertos.
não me queira por perto. eu sou a última
pessoa que você irá querer por perto.
apenas acene em nossa despedida e eu
aquiescerei com a cabeça e o olhar obtuso.
hoje, me dê isso apenas por hoje.
neste momento peço que minhas palavras não
gritem.
que elas se calem, pra sempre. mas é pedir
demais.
uns escrevem por hobby
eu escrevo para cicatrizar as feridas que
ardem
como naquele dia em que você apagou o
cigarro no meu braço.
mas hoje, não.
se for ler isso, leia em voz baixa, ou calado.
se possível, nem leia.
deixe que o silêncio tome conta
mas não se agarre a escuridão
ela te engolirá.
como tem me engolido
à cada minuto
à cada fração de segundo
à cada segundo, por fim,
desde o maldito momento

em que eu sentei aqui e decidi escrever esse poema.

XIV.

o ferro das cidades incandescendo teus dias
não há amor nas catedrais em que oras
& sabes disto em silêncio

(lembras então os martírios de janeiro)

o mesmo silêncio sob a lamparina do quarto
quando acaricias o cabelo
de M.
& os cabelos entre teus dedos / metáforas de
um caminho tão findo

quando caminhares na rodoviária em que teus
sonhos se despedem
esqueça as metáforas esbaforidas daqueles
mesmos amores
que cultivaste em noites turvas sob a invoca-
ção de Dionísio

e então acordas /
pensas estar morto num sonho de animais sa-
grados
a onça pintada o lobo-guará o gavião de rapi-
na sobrevoando teu céu
e Roberto Piva uiva horrorizando os menini-
nhos bem comportados em qualquer lugar
longe daqui
com [Ian Viana](#) clamando poemas no dorso da
loucura sagrada que Piva instaurou

& é a noite que nunca mais chega

que nunca mais vai &
o mundo morre ali mesmo
na eternidade venal que escorre.

XV.

*"Olha-me de novo. Com menos altivez
E mais atento" (Hilda Hilst)*

Esse olhar de novo,
uma tremenda sorte.
É que às vezes não há
segunda chance.

É como se todo dia
um céu fechasse dentro de nós. Pra
sempre.

Chega um tempo, de olhos
baixos, passos curtos,
uma espécie de tango no sorriso,
e deixamos de acreditar em arco-íris.

Crepúsculos, euforias, filo
sofias e toda essa
coisa sem pé nem
cabeça, toda
essa besteira que nos contaram:

que, sim, há caminhos
e, é claro, também há esperança.

Toda essa bobagem.

Então envelhecemos, e com

certa surpresa, descobrimos um
certo segredo oculto nos jornais

e não conseguimos entender as
pessoas que se matam até
nos querermos matar
também.

Não sei, mas talvez
haja alguma esperança
antes do primeiro amor que se vai

Antes do primeiro amigo
desesperado caindo na vida,

antes do nosso primeiro cachorro
ser enterrado no quintal.

E abraço o enigma das tuas
palavras, os megapixels
dessa fotografia,
os milhares megapixels
dessa fotografia.

Eu iria até você, outra vez, Se não houvesse
distância.

Mas tudo, olhe ao redor, tudo
É Saudade e Distância.

Com carinho,

do quase-seu, impossível.

XVI.

Há nas paredes desse quarto, quem sabe, o odor permanente das noites que nunca passei contigo. O cheiro enviesado da tua voz, um quê, sei lá, de amantes desconhecidos ansiando por amor.

XVII.

por você
eu correria na aurora
ao vazio, a tímida esperança
silenciosa dos sem fé abandonaria

por você
eu gritaria improperios
contra as estátuas denegridas
fincadas no chão dessa cidade

mas você nem mesmo está aqui, e o sol
surgindo
na manhã seca
é apenas uma epifania triste.

que se foda.

XVIII.

dia desses irei à Bahia
troçar bêbado no Pelourinho

encontrar pessoas, amigos
longínquos

conversar com Orixás
em uma praia qualquer -

dispensar oferendas
à Iemanjá -

te esquecer.

penso em levar comigo a moça
do supermercado da esquina

ela é loira e me dá bom dia
sempre que passa minhas cervejas

pelo caixa, seus olhos azuis
como num sonho de oceanos

minha adorável
desconhecida.

quem sabe ela aceite meu convite.

XIX.

de repente você sabe
o que quer
de repente você percebe
que o amor é apenas um frágil bibelô
quebrado no chão da casa de sua tia
de repente aquela garota
te encontra na rua, e você sorri para ela

puta que pariu

de repente você percebe que ainda ama
aquela garota
e que não, o amor não é a porra
de um bibelô frágil
o amor é olhar com devoção o que
um dia já te feriu, e que hoje
é só saudades, janelas
calejadas pelo tempo,
o tempo que eu nunca soube
e que nunca foi meu

de repente sua irmã entra no quarto
e ela te abraça
sim, você precisava
de um abraço
de repente você se vê escrevendo poesia na
merda de um celular quebrado por simples
pavor de encarar
a velha caneta, e o velho caderno
de repente seu medo é fluxo
e não mais te contrai

de repente. de repente

todas as palavras só importam no silêncio.

XX.

pretensa saudade

os latidos do nosso cão incendiando tardes &
Roberto comendo garotas quentes bem longe
da linha do Equador
onde hemisférios de solidões
convertem pássaros
em caminhos
ao longo de todo
o norte, amor,
tudo o que vem de mim
aponta para o norte
o amor tropical e doente
o choro de ódio
as veias estancadas
de vida & desesperado remédio
sexo em tardes quentes
conversas incultas
em bares

e nosso Roberto, ah!
onde estará?
Chile? Peru? Canadá?
será que ainda assiste ao mesmos filmes e
relê os mesmos livros
de sempre?

será que ainda tem o hábito
de brigar pelo menos
uma vez na semana
e deixar nocauteado

um azarado qualquer?

ou apenas
dorme com mulheres
e tem breves vontades
de família e casamento
e inexoráveis desejos histéricos
bem maiores que ele próprio?

Oh, Roberto,
cante cante cante
e sairemos ilesos dessa espécie de morte
rápida
os leões já não rugem como dantes nas noites
alagadas de pinga com Roberto
na varanda & eu próximo do gozo rubro
de todos os lamentos escarnecendo abraços

irmão, Andreia mandou beijos
espero que receba-os
e que aí as mulheres sejam
tão bonitas como num sonho
de uma quarta de feira de cinzas sensual
pois tudo é volúpia
tesão
em nosso constante
viver morrer
descer ao inferno
buscar as palavras &
alçar gritos do infinito profundo
que nunca foi dito
por não poder
por ser intocável, Roberto.

mas você sabe.

minhas palavras padecem
nos achados e perdidos da tua mente.

XXI.

em hotéis cinco estrelas
perdidos na memória p rfida
enquanto caminhoneiros travados de cocaína
penetram menininhas virgens nos assentos de
caminhões
& jovens fazem catarse com a solidão de
paredes sujas
tudo exala um fedor estranho
& o cadáver do amor ainda
não foi recolhido
daquela esquina
urubus o devoram.
outra vez
o amor carcomido
por vermes.

XXII.

não faça isso
guarde a faca e debruce
os olhos sobre a noite
prolongue os momentos
sorria apenas quando
as câmeras não estiverem ligadas
faça promessas a novos amores
e esqueça o antigo
se delicie em novos olhares
veja o tempo passar
ele terá ido
quando o punhal
do amor não mais te ferir as madrugadas
revisite falas e linguagens antigas
aprenda francês
vá à shows de bandas que gosta
frequente novos lugares
e abra os braços
para novos dias
quando o
passado
for passado;
nada mais que um eco escasso
na rua vazia.
delire na sala de espera
e flerte no ponto de ônibus
estude a maldita álgebra
como simples pretexto para
esquecer as horas
escove os dentes demoradamente
encare seus amigos por horas

em silêncio
chore no ombro de desconhecidos
e dê dinheiro para a cachaça de mendigos
solitários
e olhe para trás
tudo estará lá
simples e completo
e, querida,
não fará a mínima diferença.
e outros homens chegarão
e roubarão tuas horas
e você, as deles.
é o que acontece
então, por enquanto,
sinta o meu abraço - esse poema.
e durma serena
ante o açoite das lembranças.

XXIII.

não reclame
quando eu pegar a estrada
outra vez
e levar os discos raros
do Belchior
que compramos barato
no mercado de São Bráz
não grite
quando eu pegar minha mochila
e entrar naquele caminhão
engrossar os braços
carregando cargas
no interior
não chore
se as notícias minhas não chegarem
eu provavelmente estarei em
algum lugar do Mato Grosso
ou na fronteira do Paraguai
traficando armas

e se eu não voltar
não se surpreenda

saberás meu nome
no jornal nacional
provavelmente
preso por um roubar um banco
ou morto indigente
no cu desse país

não

blasfeme
meu nome
chamando-me desatinado
não esqueça
eu disse
adeus

e você viu nos meus olhos
aquele adeus foi sincero,
meu bem

aquele adeus foi sincero
como você
nunca
foi.

XXIV.

daqui eu vejo a curvatura
dos dias
as paredes se locomovendo
a envergadura das estrelas

daqui de cima eu vejo
que tudo é uma constelação
de casas pessoas animais
poetas não-poetas artistas que
não fazem arte pedreiros que constroem
nuvens oníricas no
entardecer do dia gente que vive
mesmo que só por viver a gente
pereça os anos na luta
a gente se arma se prepara a gente guerreia
em guerra nenhuma

o combate de corpos é
um embuste magnífico
o corte
no corpo é a prova mais clara
de que a carne é fraca

eu guardei dentro de mim
os trópicos e as manhãs
o tiroteio na praça da República
os traumas de infância
a morte queimando em fogueiras
os baculejos da polícia
os amigos desaparecidos
que adentraram em carros de milícia

eu guardei dentro de mim
a insanidade do céu
sem estrelas
e os dias silenciosos
em que os únicos barulhos
eram os do ciciar de gatos
na madrugada diurna

eu carreguei nas costas
a víscera do viver
no peito teu rosto falecido
na camisa teu cheiro esquecido
na volúpia teu gosto

eu carreguei nas costas sacas de cimento
o calor mortífero do sol nordestino
eu que sempre fui mais perdido mais
desgraçado
mais brega mais sozinho que um pinga de
chuva
na savana africana um militante das causas
perdidas mais qualquer outra coisa do que
poeta

eu torci
pelo
choque
pela
ânsia
rútila
pelo
toque

pra se fazer saber
no final
é tudo sobre prazer.

XXV.

deve haver algum segredo
não as palavras, palavras apenas
criptografam a realidade
deve haver algo
para além das capitais das hecatombes das
orgias
para além das amantes
das putas de corações partidos e glitter na
noite quente
dos travestis ressonantes de brilhantina
pagando boquetes a qualquer um que tenha
dez reais às duas da manhã de outro dia de
merda
e ainda dou risada dos ingênuos
dos que acham a literatura mais chocante que
a vida
dos que acham que nos filmes há realidade e
não apenas uma vida genérica e idiota
deve haver algo
algum sussurro no fundo de um coração
partido
ou a voz de Nick Cave
num dia gelado e suicida
deve haver algo
e o amor está destroçando meus amigos mais
próximos
e o álcool
e as pílulas
e a cocaína – a vida
trôpega foi o que nos restou.

mas deve sim haver algo
alguma dor que não queime
algum amor que não fira
algum beijo que não mate

só que eu ainda não achei.

XXVI.

molotovs na garganta
seca
explodem
a palavra dilacerada
pela vida
não canta mais nada
nem aconchego

apenas cacos estilhaçados
nos meus olhos tristes.

XXVII.

Para J. Garbo

úlceras na pele
deuses leprosos jogados
no divã
picadas na veia

benzodiazepínicos
opioides
espalhados pela mesa

uma vida que
turva o sentir

a memória ácida
de nunca mais lembrar

os anjos lúgubres de kerouac
com suas asas arrancadas
pelo limo atemporal
do tédio santo

leonard cohen dançando no fim
dando adeus à marianne
abraçando o derradeiro amor

eu preso
em paralelas insones
sorrisos soltos de sentido
olhos azulados visando
o segredo menor

das traças expostas
de nossa canção mais íntima

será explodir em ti minha arte
mais verdadeira meu lirismo
mais diletante meu cantar
mais melancólico

meu tambor de destinos!

será resistir
minha última palavra?

traçar teias melódicas
destruir as elegias do tempo
rasgar todas as odes
aos vagabundos beatificados
pela miséria
cuspir na perfumada singeleza
nunca aplaudir autoridades.

XXVIII.

não posso esperar, meu amor,
eu sou uma pistola automática de solidão
o céu violeta pré-crepuscular
nos teus olhos
um vírus singrando teus orifícios
eu definitivamente não posso esperar
o fim do mundo está demorando demais
& malwares se espalham
por tua vida desconhecida
tua boca diz o silêncio ornamentado
dos leões-marinhos
na rua em que andamos distantes
um do outro
como estranhos que jamais
se tocaram
nos escusos sótãos da madrugada
no delírio pós-festa adocicado
do tesão lunar

se queres segredos, os contarei
se queres prazer, minha língua umedecida
percorrerá teu corpo kármico-espiritual
beijarei teus lábios maiores & menores
à luz das lamparinas diáfanas

mas se queres amor de mim, só
terás engano, serei sincero.

agora me procuram os seráficos trovadores
que tocaram a aurora
& os pagãos que adoraram

flores e ervas e animais
em extinção
os heréticos de todas as espécies
me falarão esta noite
meus amigos tristemente dopados se
confessando a putas de corações
sensibilíssimo

por fim, santifiquemos as putas as bruxas
& as mulheres todas
que nos amaram

santifiquemos o pecado
o desejo a sedução
& Deus talvez nos perdoe quando
pela primeira vez adormecer ébrio
nos seios de uma mulher.

XXIX.

estou acordado
faz cinco dias que não escrevo nada
essa cadeira pesa no vazio
a madrugada bifurca-me
em pensamentos imbecis
de morte e pestilência
os amigos sinceros foram-se
todos ou morreram
no mundo inominados
todo amor que habitava
nos poros podres
de nossa boca
se mostrou maldição

venho ruminando
coisas sem clareza nenhuma
sem certeza alguma
ou preocupação de coerência
escuto cds arranhados
e choro entre os
chiados que
saem do aparelho de som antigo

grito *amar demais*
é crueldade

e a pessoas me olham
um crente
me oferece um folhetim
com a palavra de deus
me recuso a pegar

"jesus te ama",
"ah, que se foda"

tudo isso pra não falar em saudade
em ter um peito aberto
onde deitar pleno de mágoas

tudo isso pra não falar
que ainda te amo
e que escuto tua voz
sussurrando amor eterno
na idiotice da adolescência

e li pra ti um conto assim
triste, cheio
de solidão e despedida

nós sabíamos calados
os corações que
partiam-se em madrugadas de histeria
e os pinos jogados fora
as carreiras alinhadas
a morte subindo pelo nariz
e o amor, ah,
desse eu só sei fracassos
choros silentes
no escuro
esquinas vazias
os suicídios que nunca
contaram pra gente
com medo de que
tentássemos também

(mas a morte tão perto, tão perto).

XXX.

cantarolo cohen
imagino ela aqui
reclamando da música
e ele seguindo
doente de despedidas
you can hear the boats go bye

durmo em cima do livro que tem
todos os poemas da hilda h. e acordo só

ela está em algum lugar
longe demais / penso em procurá-la
fazer promessas impossíveis
e dizer que larguei
a cerveja porque estava
ficando
gordo demais

desisto de tudo isso

lembro do meu sonho antigo
de ter uma casinha
na ilha do marajó
e observar os búfalos
descansarem
ao pôr do sol

//

há cinco dias
viajei para o interior
60

e não escrevi uma palavra sequer
selei amar sem compaixão
no silêncio de uns
olhos estranhos

//

os búfalos arrastam-se preguiçosos
esta semana uma criança
morreu de malária
seus pais choravam diante
do caixão minúsculo

talvez eu vá até eles
e lamente o acontecido

talvez eu os diga que
a solidão enxuga todas as lágrimas

mas não tenho certeza.

XXXI.

Já me chamaram de santo
num poema.
Logo eu, incrédulo de tudo,
mentiroso astuto,
poeta.
Meu nome nas matizes do inferno

(poeta, antônimo
de Santo)

Penso em histórias antigas,
no olhar triste de todas as multidões,
lembro da Tristessa, de Kerouac,
e suas ampolas de morfina
embaçando o amor

Meu amigo Matheus Peleteiro
caminha nas ruas de Dublin
tão diferente da Bahia dele
ou dessa minha Belém
escarnecida de urubus

E eu na matéria diluída do riso
Já fui chamado de santo
num poema. Eu!

Quero perguntar a meu amigo
se ele já se sentiu solitário
em Dublin, ou se já pensou
em se perder para sempre
naquelas ruas frias

Hoje, esquecido
de querência, sozinho & pálido
de novo o silêncio
de amar em despedidas

de me saber pérfido e rútilo
nos braços de um alguém-memória

eu, que já fui chamado de santo
num poema,
defeco na porta
de catedrais
e mijo sobre
meus próprios pés

os olhos reluzentes de vinho
que um dia imploraram
por amor, agora
vislumbram caminhos, sólidos,
calados, maduros

gritam o dia que cresce talhado
na minha boca

e uma visão se apossa
do destino

amar em distância, tocar
em aceleração o
perfeito / matéria morta

um dia me chamaram de santo
num poema

eu caído em delírios
morri sem ter sido bem sucedido
no amor

e minha lápide sem nome
embalsamou tragédias
na tarde sem fim.

XXXII.

sombra sem futuro
que se estende
a poeira da rodovia que o vento leva
a canção que trago
nas costas
pesa
quase tanto
que tropeço em notas menores
de um violão desafinado
que um índio toca
na beira da trans-amazônica.

XXXIII.

pontes quebradas do paraíso
- uma índia chora
com uma criança no colo.

XXXIV.

faróis desatinando
meus olhos de vilão vencido
lua enxugando o dia
não há túnel ou o fim dele
há o reluzir de todos os meus
fracassos: noite que
persiste em não cair na vida
cargas em meus ombros
(isso não é metáfora)
escadas, depósitos
de perda incandescência
sotaques de um norte faiscante de tristeza
olhares de mármore me esmagam
ah, esses trópicos que doem cantar!

pedra turva sobre
nosso amor / eu finalmente
achei algo que fere tanto
quanto amar.

XXXV.

vejo fotografias
nos calos agudos do teu peito
imagens de desolação
uma criança no capô de um carro
acenando aos teus olhos tristes
a poeira é tanta aqui
nossos sonhos morreram
nessas finitudes, meu amigo,
morreram sim / as fotografias calam-se nesse
teu mundo
de visões perdidas
& no barranco que desfibrila o nosso medo
hastes erguem-se
centelhas rugem da tua voz
do alto desse barranco o céu
parece tão perto
que lobos uivam enquanto nos amamos

XXXVI.

vejo adolescentes nas praças
com seus amigos e amores e falsos amigos e
falsos amores
vejo solidões se locomoverem áridas pela
cicatriz da cidade
vejo despedidas em rodoviárias, sorrisos-de-
nunca-mais & abraços
findos mas profundos de ternura & dor
abrasiva
vejo gente perdida em todo lugar reconheço
a mim entre eles
e num instante todos são mudos
e de aparência fúcsia: como numa alucinação
diamantes perdidos em outra viagem de ácido
os LP's de nossa juventude desgastaram-se
assim como nós & nossas tímidas paixões
estações de regresso
e vindas eternas do não-estar
passeios pela capital do sangue coagulado
pássaros de aço com a asa quebrada
defecavam sobre nós
& o esqueleto de Roberto Piva profetizava
fracassos nos sonhos que nunca tivemos, do
onírico pacífico que nunca foi nosso
imbecilizados pelo tempo
o conhaque parecia beijar nossa face de
vergonha nas noites mais frias
enquanto nos achávamos tão outros:
viris & revolucionários & geniais
a carcomer o mundo que se fazia sobre os pés
de nossa coragem (quase nula)

talvez por isso nosso inconsciente
parecia saber dos perigos que oferecem
aqueles que sentem medo
e os que nunca sentiram-no
jamais saberão o peso do mundo
jamais deixarão de acreditar no amor
para logo depois amarem imensamente
independente de derrotas & mágoas quase
insuportáveis
nós venceremos o peso do mundo
& engoliremos rios de álcool e desolação
& talvez seja essa
a pior derrota de um homem:

morrer lutando
por algo sem alma.

XXXVII.

que vontade de cuspir na tua cara
e chupar teu sexo, te falar indecências
deitar tua cabeça sobre meu peito frio
ouvir o barulho ruidoso dos teus gemidos
e gozar como gozávamos de tudo
que saudade de sentar à meia noite
no banco de uma praça contigo
e escutar o silêncio dos bordéis
o barulho dos animais da noite
os bêbados
os drogados
todos aqueles que
desde sempre se perderam

que saudades!

quem sabe
tudo isso não passou
de um borrão na parede
que a chuva diluiu.

XXXVIII.

há algo de tremendamente
pictórico no teu esquecimento
essa coisa de estar perto
sem parecer distante
de desejar sem parecer demasiado
ou efusivo demais nos
toques nas palavras
nos olhares

mas como? – me pergunto

se teus olhos tão grandes
me desfazem tonto
se tuas mãos
pequenas
parecem tão misteriosas
na sombra do encolhimento

– eu quero estar longe
de tudo quando
acabarem-se
as palavras
& os olhares & os toques doentes

e ser apenas e tão só
distância & esquecimento.

XXXIX.

quando o nosso amor
tiver o compasso de um blues
te beberei como rum
num só gole
rasgando a
garganta.

XL.

Olhos ígneos, sorriso de
pedra rachada;

não falamos absolutamente nada.

Eu sei que ela está sofrendo, e
nosso silêncio é prova disso,

Eu sei da sua vida, me perdi
também, nos seus
mesmos descaminhos.

Mormaço, 34 graus em Belém,
um sol brilha em algum lugar
muito longe de nós, e eu não posso
acreditar nisso, na lembrança
dessa voz baixa que hoje se cala
ante a mim, enquanto me deito em colchões
sujos da noite, em telhados quebrados
discorro auroras sobre teu plexo, em olhares
partidos,
paredes pichadas da memória.

E nossa vida mudou tanto.

Imagino teus passos, calmos,
diletantes, o andar firme
de quem já deixou
partir um amor.

Pois têm de ter partidas

na cantiga de nossos abraços.

Pois os amores têm de partir
em algum momento.

Lembra-te daquele poema
fruto da solidão que me transmitisse
e da dor infunda que
me contaste.

Aquele poema que te dediquei,
e que estará no meu primeiro
livro. Simplesmente
porque nos conhecemos um dia,

E você fez parte de mim, e eu
nunca fui capaz
de pertencer
à qualquer coisa.

Me dizem que deve ser por isso
que escrevo poemas.

Você se foi, restaram os
calos nas rachaduras
dessa sala e um
eco.

Sinto que nunca mais
nos veremos novamente.

About This Book

Distributed by
Appaloosa Books Online Indie Publishing
Ed. 1. 2018

Ardências - Primeiros Amores & Desvarios
Content © Roge Weslen . 2017

*

This book is part of Appaloosa Books Collection And
copyrighted by Roge Weslen. Distribute or change without
writer and publisher consent its a crime, please dont do it.